

FÁBIO ALVES

E-mail: fabio.alves@estadao.com Twitter: @colunafabioalve



Passos de bebê

O ponto de partida da crise fiscal é tão grave que alguns executivos financeiros mais pessimistas dizem que o importante agora não é o risco de o Brasil caminhar para a situação de falência da Grécia, mas sim a percepção de que somos todos já o Rio de Janeiro, um Estado sem condições de pagar seus pensionistas e servidores nem de atender às necessidades básicas de saúde e segurança.

Para esses pessimistas, o ajuste fiscal em curso pelo governo Michel Temer é demasiado gradual. E esse gradualismo, dada a trajetória acelerada da dívida pública, não evitará um eventual pânico dos investidores quanto à solvência do Brasil. Com a dívida bruta caminhando pa-

ra 80% do Produto Interno Bruto (PIB) ao fim de 2017, em comparação com 51,3% em 2011, sem maior crescimento econômico e controle dos gastos, essa proporção ultrapassará os 100% do PIB antes do que se espera.

Na visão dos pessimistas, o governo estaria fazendo pouco para tirar o País da recessão e recolocar a economia nos trilhos de uma maior expansão. Assim, segundo esses executivos, não seria o melhor caminho gastar a munição política de um governo de transição só com a aprovação da PEC 241, que limita o crescimento do gasto público à inflação, e da reforma da Previdência.

Ou seja, Temer e o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, estão dando passos de bebê quando a urgência da crise requer um esforço de um velo-

cista de 100 metros. O foco deveria ser recuperar o investimento imediatamente, na opinião dos críticos.

Diante dessa avaliação, ficam as perguntas: seria a estratégia de Temer e Meirelles acanhada demais para o tamanho do rombo das contas públicas? Seria a escolha mais acertada gastar as

A desarrumação fiscal da economia é tamanha que a recuperação virá gradualmente

fichas para aprovar o ajuste fiscal, em particular a reforma da Previdência, num mandato previsto para acabar em 2018? O que mais seria politicamente viável fazer, além do ajuste fiscal, em tão curto espaço de tempo? O Brasil já

se tornou o Rio ou caminha irremediavelmente para a situação da Grécia?

A melhor chance de o Brasil reverter a desconfiança de investidores, empresários e consumidores é aprovando uma reforma da Previdência razoável, que aumente a idade mínima de aposentadoria, desvincule o reajuste dos benefícios do salário mínimo e unifique os sistemas público e privado, combinada, obviamente, com a PEC 241.

Os pessimistas podem até considerar a aprovação dessas medidas como "passos de bebê", mas sem elas não haverá horizonte macroeconômico com um mínimo de organização, sem o qual os investimentos não virão. Se tudo o que Temer e Meirelles conseguirem fazer for a aprovação da PEC 241 e da reforma da Previdência, o Brasil estará no lucro, diante da bagunça e irresponsabilidade fiscal dos governos petistas.

A desarrumação fiscal da economia brasileira é tamanha que a recuperação virá gradualmente. Ou será realista esperar que grupos de interesses da sociedade vão abrir mão de privilégios tão facilmente? Portanto, gastar as fichas políticas na aprovação daquelas medidas é a melhor escolha que o governo Temer faz.

Isso não significa que o risco de o Brasil virar a Grécia esteja afastado,

uma vez que o País não tem histórico de responsabilidade fiscal longo o suficiente para tranquilizar investidores e analistas. Mas a ameaça de se tornar o Rio é alarmista demais, até porque, ao contrário do governo estadual, a União pode imprimir moeda, evitando o calote por meio de financiamento inflacionário.

Quanto à crítica ao gradualismo da política econômica diante da trajetória da dívida pública, agências internacionais de classificação de risco, investidores e economistas já antecipam que o endividamento seguirá crescendo mesmo com a aprovação da PEC 241 e da reforma da Previdência, embora em ritmo menos preocupante.

Se esses agentes considerassem as escolhas do governo Temer como demasiadamente graduais para a gravidade da situação, já teriam punido o Brasil com novos rebaixamentos do rating soberano e fuga de capital. Por enquanto, eis o veredito sobre essas medidas: é o que temos para hoje.

* COLUNISTA DO BROADCAST

FÁBIO ALVES ESCREVE ÀS QUARTAS-FEIRAS

Crise e Lava Jato travam parcerias estaduais e da União

Freio em obras de infraestrutura faz com que PPPs assinadas neste ano se restrinjam a contratos municipais

Douglas Gavras

Com os desdobramentos da Operação Lava Jato e os cortes orçamentários de Estados e da União, todas as Parcerias Público-Privadas (PPPs) assinadas neste ano foram municipais, segundo levantamento do escritório de direito Machado Meyer e da consultoria Radar PPP. Até o mês passado, seis contratos haviam sido firmados no País.

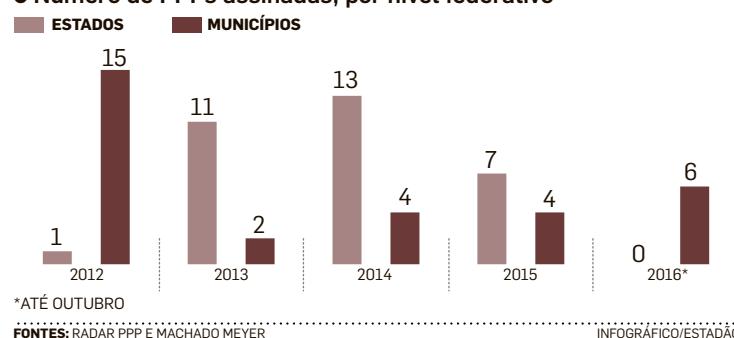
Em 2015, foram sete parcerias estaduais e quatro municipais. Os contratos dos municípios são, sobretudo, para atender a serviços de iluminação e de coleta e tratamento de lixo.

Alguns Estados até haviam sinalizado a intenção de desenvolver grandes obras em parceria com a iniciativa privada neste ano, mas não conseguiram tirar os projetos do papel, diz Sérgio Guerra, especialista em administração pública da FGV. "Em grave crise fiscal, a maioria não pode se comprometer a arcar com a contrapartida às vencedoras das concorrências."

Além disso, os projetos maiores, que eram assumidos pelas grandes construtoras do País, foram deixados de lado com o

ESCALA LOCAL

● Número de PPPs assinadas, por nível federativo



*ATÉ OUTUBRO

FONTES: RADAR PPP E MACHADO MEYER

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

avanço da Operação Lava Jato, que limitou a capacidade de atuação de boa parte dessas empresas, analisa Guerra.

Nesse cenário, os contratos

que consomem mais recursos, como aqueles destinados à construção de linhas de metrô e trens urbanos ou duplicação de estradas, por exemplo, acaba-

ram em segundo plano, de acordo com José Virgílio Lopes Enei, sócio do escritório.

"As médias e pequenas empresas ainda estão se organizando, em consórcios, para assumir obras maiores e a entrada robusta de estrangeiros pode ser uma alternativa, mas no futuro. Os nichos que hoje geram projetos são os que não eram ocupados pelas empreiteiras, como a iluminação pública."

Os contratos federais e estaduais, porém, devem recuperar espaço em 2017, avalia Guilherme Naves, da consultoria Radar PPP. "A União esgotou o estoque de projetos que podem ser resolvidos por meio de concessões, que não precisam de contrapartida do poder público pa-

ra se tornarem viáveis."

Fim de ciclo. Um outro fator que pesou na alta das parcerias municipais é que 2016 representa o fim de mandatos e os prefeitos querem entregar marcas na administração, diz Naves.

Duas das seis parcerias assinadas neste ano foram fechadas pela prefeitura de Belo Horizonte: uma de gestão de unidades básicas de saúde e outra de iluminação, que também prevê a substituição de lâmpadas e a modernização do parque.

A capital mineira tem, ainda, contratos nas áreas de educação e coleta de lixo e estuda a viabilidade de um edital para a construção de um centro administrativo, orçado em R\$ 600 milhões, segundo Júlio Onofre Mendes de Oliveira, diretor-presidente da PBH Ativos, que faz a gestão dessas parcerias.

ÚLTIMOS DIAS! NÃO PERCA

KEYNOTE SPEAKER

BLUFORD PUTNAM
ECONOMISTA CHEFE BOLSA
DE CHICAGO (CME GROUP)

PAINÉIS

O BRASIL EXPORTADOR DE STARTUPS

Com investimento de fundos nacionais e internacionais, diversas startups inovadoras surgem no Brasil e aceleram a modernização da agricultura

ALEXANDRE DE SENE PINTO
BUG AGENTES BIOLÓGICOSALMIR ARAÚJO SILVA
BASFMILTON LUIZ DE MELO SANTOS
DESENVOLVE SPSYLVIO ROSA
UNIFESP

DEMAIS PARTICIPAÇÕES CONFIRMADAS

CLAYTON MELO
STARTAGROLUIZ FERNANDO SÁ
PLANT PROJECTJULIANA JARDIM
MONSANTOROBERTA PAFFARO
CME GROUP

POR UMA NOVA IMAGEM PARA O AGRO

O que os diferentes segmentos do agronegócio brasileiro podem aprender com as experiências bem-sucedidas na criação de estratégias de comunicação modernas e inovadoras?

EZRA GELD
J. WALTER THOMPSONJAIME TROIANO
TROIANO BRANDINGTIRSO MEIRELLES
FAESPMAXIMILIANO BAVARESCO
SONNE CONSULTORIA

BIG DATA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: COMO A AGRICULTURA DIGITAL ESTÁ TRANSFORMANDO AS FAZENDAS

O que é exatamente a agricultura digital e como ela pode auxiliar os produtores e toda a cadeia do agronegócio?

GUILHERME NASTARI
DATAGRONELSON FERREIRA
MCKINSEYULISSES MELLO
IBM21.11 | WTC
DAS 8 ÀS 18H | CONVENTION
CENTER

INFORMAÇÕES E VENDAS

WWW.SUMMITAGRONEGOCIO.COM.BR
SUMMIT.AGRO@ESTADAO.COM
11 3856 5986 (DIAS ÚTEIS DAS 10H ÀS 17H)